

O BULLYNG NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA VISÃO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

BULLYING IN EVERYDAY SCHOOL LIFE: A VIEW FROM THE PEDAGOGICAL COORDINATION TEAM



ADRIANA FREIRE DE BARROS BURGOS

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Centro Universitário Fundação Santo André (2002); Especialista em A Arte de Contar Histórias pela Faconnect (2024); Professora de Educação Infantil no CEU CEI ÁGUA AZUL.

RESUMO

Neste trabalho, foi abordado a problemática da violência escolar ou *bullying*, que se instala subitamente e de maneira silenciosa no cotidiano escolar, deteriorando as relações interpessoais. Objetivou-se esboçar as características do fenômeno do *bullying* existente nos alunos do ensino fundamental, numa escola privada inserida num meio socioeconômico favorecido. Procurou-se, descrever o ambiente familiar de discentes com comportamento agressivo, assim como as relações interpessoais que se estabelecem entre os membros da família. A forma de *bullying* predominante é a agressão verbal, desenhada através do insulto e o recreio é o local por excelência, para a ocorrência deste fenômeno. Por isso, torna-se imprescindível que a escola, em parceria com a família programe estratégias de prevenção relativas ao fenômeno do *bullying*, de modo a tornar a escola um contexto de socialização e formação agradável.

Palavras-Chaves: Violência Escolar; *Bullying*; Escola; Família.

ABSTRACT

This paper deals with the problem of school violence, or bullying, which appears suddenly and silently in everyday school life, damaging interpersonal relationships. The aim was to outline the characteristics of the phenomenon of bullying among elementary school pupils in a private school in a favored socio-economic environment. The aim was to describe the family environment of students with aggressive behavior, as well as the interpersonal relationships established between family members. The predominant form of bullying is verbal aggression, designed through insults, and the playground is the place par excellence for this phenomenon to occur. For this reason, it is essential that the school, in partnership with the family, plan prevention strategies for the phenomenon of bullying, in order to make the school a pleasant socializing and training environment.

Keywords: School Violence; Bullying; School; Family.

INTRODUÇÃO

A escola, ao lado da família representa um espaço de interação muito importante em nossa cultura. Nela, as crianças e adolescentes exercitam a convivência diária com seus pares e com adultos de fora de seu círculo familiar. Nesta vivência diária a criança ou o adolescente entra em contato com o próximo enquanto ser que dela pode se diferenciar ou se assemelhar. Pode se diferenciar em costumes, posturas, características pessoais e interesses, por exemplo, ao mesmo tempo em que pode se assemelhar em necessidades, anseios, capacidade de sentir, de se desenvolver.

Neste contexto os discentes desenvolvem o autoconceito, a autoestima, e a percepção do outro, sendo esperado que vivenciem realizações pessoais e coletivas como, também, obstáculos e conflitos, próprios da relação humana. A busca de autorrealização e resolução harmoniosa de conflitos constitui-se num processo de aprendizagem que deveria acontecer nos vários espaços de convivência, seja na família, seja na escola. Contudo o que se observa é um crescente emprego de formas violentas de relacionamento. Muitos trabalhos buscam compreender tais relações no ambiente escolar, e especificamente, de comportamentos de *bullying* no contexto escolar.

A violência escolar é um fenômeno social da atualidade que têm alarmado todos os agentes da comunidade educativa. Vários meios de comunicação têm dado uma certa relevância a este fato, particularmente no corrente ano letivo, devido a algumas situações ocorridas. Recentemente, casos de violência nas escolas têm sido noticiadas, dando rosto à violência e reiterando, assim, que a violência na escola não se confina apenas em países desenvolvidos, tal como Estados Unidos, França ou Inglaterra, mas que faz, igualmente, parte da realidade de algumas escolas brasileiras.

Nos estabelecimentos de ensino, as situações de divergências interpessoais fazem parte do cotidiano, envolvendo agentes diversificados e provocando fenômenos variados tais como conflitos, indisciplina e até violência. O *bullying* implica no uso sistemático de poder que se traduz em formas distintas tais como o tamanho físico, a força ou a inteligência. Logo, o *bullying* pode se configurar em diferentes formatos de acordo com o tipo de abuso de poder exercido pelo indivíduo agressor. A forma direta do *bullying* é a agressão física e incluem-se comportamentos tais como bater, empurrar, dar pontapé, extorquir dinheiro e a agressão verbal consiste em injuriar, chamar nomes de baixo calão. A forma indireta do *bullying* é mais difícil de detectar, por não ser tão visível acabando, muitas vezes, por não lhe ser dada a devida importância. As chantagens e intimidações psicológicas são formas de *bullying* que não deixam marcas visualmente observáveis. A agressão indireta engloba comportamentos tais como espalhar rumores, fofocas, isolar socialmente alguém ou excluí-lo do grupo.

Propostas para mudanças internas nas unidades escolares são necessárias, mas isoladamente não serão suficientes. Ao mesmo tempo em que as escolas trabalham para mudar internamente, elas precisam também trabalhar para que haja mudanças externas, para gerar cidadãos dispostos a mudar a ordem por ora estabelecida.

Neste estudo se pretende contribuir para o conhecimento do fenômeno do *bullying*, descrevendo-o, assim optou-se pelo método de investigação qualitativa, apoiando, no entanto, em técnicas relativas à abordagem quantitativa, como é o caso do questionário, por constituir um meio complementar na obtenção de informação pertinente para conseguir os objetivos.

O objetivo geral do trabalho é pesquisar a natureza de experiências pessoais de crianças e adolescentes em episódios de *bullying*, sob a visão da coordenação pedagógica.

O presente estudo visa ainda debruçar-se sobre o problema do *bullying*, considerando os seguintes objetivos: contribuir para a compreensão do conhecimento do fenômeno do *bullying* no contexto escolar; caracterizar os tipos de agressão presentes em episódios de *bullying* de crianças e adolescentes e o perfil do agressor e vítima de *bullying*; descrever o fenômeno violência/*bullying* em contexto escolar e também as características das famílias dos alunos envolvidos em situações de *bullying* e finalmente identificar sentimentos que possam ser verbalizados pelos discentes envolvidos em episódios de *bullying* à coordenação escolar.

VIOLÊNCIA EM CONTEXTO ESCOLAR: O BULLYING

A violência na escola é um fenômeno social da atualidade que tem alarmado todos os agentes da comunidade educativa. Vários meios de comunicação têm dado certa importância a este fato, particularmente no ano de 2011, devido a algumas situações ocorridas no território nacional, especialmente no estado do Rio de Janeiro.

Recentemente, casos de violência nas escolas têm sido noticiados, dando rosto à violência e reiterando, assim, que a violência nas escolas não se confina apenas em países desenvolvidos tais

como, França, Inglaterra e Estados Unidos, mas que faz, igualmente, parte da realidade de algumas escolas brasileiras.

A violência escolar parece refletir o clima da sociedade em que a escola se insere, pois depreendemos a interação de uma pluralidade de fatores que a poderão desencadear.

Nas instituições de ensino, as situações de divergências interpessoais fazem parte do cotidiano, envolvendo agentes diversificados e provocando variados fenômenos tais como conflitos, indisciplina e até violência, conceitos que irá ser destrinchado a diante.

DISTINÇÕES ENTRE VIOLÊNCIA, INDISCIPLINA E CONFLITO

Dada a diversidade de relações sociais que interagem, entendemos a escola como uma entidade social complexa onde se inter-relacionam várias estruturas e diversos interventores: alunos, docentes, pessoal não docente, responsáveis e comunidade em geral, contribuindo todos para uma mesma finalidade e missão.

Pode-se compará-la a uma empresa, pois dispõe de uma estrutura que tende a cumprir determinadas funções e objetivos. A escola é uma complexa empresa cujo produto a obter nos parece claro: sucesso escolar e educativo dos alunos.

A escola tem que atender as necessidades de instrução, educação, socialização e desenvolvimento dos alunos, promovendo diversas competências. Uma das funções da escola é a socialização dos alunos, e devido a heterogeneidade sociocultural do público que constitui a escola e interagem, pode emergir algumas situações divergentes tomando-se forma de conflito, violência ou indisciplina. No fundo, trata-se de inadaptação social, pois existe um desajuste entre o sujeito e o contexto em que está inserido, havendo dificuldade em cumprir as normas impostas por este meio. Esta inadaptação pode relacionar-se com problemas entre pares ou até com o insucesso escolar (Torres, Fernandez & Sanchez, 1999, p. 111).

O termo conflito tem sido postergado, optando-se pelos termos indisciplina ou violência. Aliás, a delimitação e definição destes conceitos complexos, derivam em leituras multidisciplinares. Todas as instituições escolares regem-se por normas e regras de conduta estabelecidas de modo a garantir, a todos que a integra uma convivência pacífica.

Não obstante, o conflito faz parte da relação humana e qualquer que seja o grau de aproximação ou compatibilidades entre as pessoas, há momentos em que as necessidades, os sentimentos, os pensamentos ou as ações de cada um entram em conflito com os outros.

O conflito pode ser encarado como uma divergência entre duas ou mais pessoas com interesses diferentes, em que as aspirações individuais não podem ser alcançadas simultaneamente e é inerente à condição humana.

O conflito surge normalmente associado a algo negativo, que se deve evitar, sendo encarado como algo destrutivo. No entanto, as ideias inovadoras e criativas resultam, quase sempre, de pontos de vista conflituosos que são partilhados e discutidos abertamente. Assim, o desacordo compartilhado

proporciona uma maior exploração de sentimentos, valores, atitudes e ideias, favorecendo a expressão individual e a busca de melhores decisões (Johnson & Johnson, 1995, p. 89). Encarando o conflito desta forma, reconhecemos a utilidade da existência de certo grau de conflito quer para a dinâmica das organizações e dos grupos, quer das relações interpessoais.

No que concerne à indisciplina, pode entender-se como uma transgressão de regras ou normas. Na organização escolar, remete-nos para a infracção das normas estipuladas no Regulamento Interno, todavia, a indisciplina aparece geralmente como uma perturbação ligada ao contexto da sala de aula, ou seja, numa situação pedagógica.

Alguns autores caracterizam a indisciplina em três níveis correspondendo respectivamente, ao desvio às regras do trabalho na aula no que pertence o comportamento do discente ou na realização de tarefas; à indisciplina perturbadora das relações entre seus pares, (em que se inclui o *bullying*) e finalmente aos problemas da relação entre professor-aluno (Amado & Freire, 2002, p. 132).

Se atendermos à interpretação dos conceitos de violência, conflito e indisciplina, verificamos que todas encerram a noção de transgressão, cujo grau representa o elemento que estabelece a diferenciação destes fenómenos. Por conseguinte, a violência representa um comportamento mais brutal que a indisciplina. Esta por sua vez, tal como o conflito, nem sempre pressupõe uma agressão.

Deduz-se que a noção de violência na escola pode esboçar dimensões distintas e que o *bullying* aparenta uma delas, sendo imprescindível a conceituação deste fenómeno para determinar a sua aplicabilidade.

O BULLYING

O termo *bullying* derivado do vocábulo *bully* que traduz a ideia de tiranizar. O *bullying* expressa, um ato de violência perpetuado, que pode ser produzido individualmente ou em grupo.

O *bullying*, uma vez que implica no abuso de poder, não é um fenómeno específico escolar. Por isso, se depreende que é um fenómeno que se estende a outros grupos sociais, sobretudo em que a vigilância é escassa tal como nas forças armadas, na prisão e até mesmo em algumas empresas (Sharp & Smith, 1994, p. 67).

Do ponto de vista semântico, o conceito de *bullying* aproxima-se das noções de abusar dos colegas, vitimar, intimidar e violência na escola, (Almeida, 1999, p. 32) ou até implicar com as pessoas (Costa, 1998, p. 55).

O comportamento intrínseco ao *bullying* consta de três fatores fundamentais distinguindo-o de outros comportamentos agressivos: o mal causado a alguém não resulta de uma provocação evidente; as intimidações sobre os outros têm um carácter regular; o agressor apresenta um aspecto fisicamente mais forte, violento e ameaçador e as vítimas não costumam estar em posição de se defenderem ou de procurarem auxílio (Pereira, 2002, p. 44).

Rigby (1998, p. 78) propõe a identificação de sete aspectos permitindo o reconhecimento deste fenómeno, respectivamente:

- Um desejo inicial de magoar;
- O desejo demonstra-se numa ação;
- Alguém é magoado;
- O *bullying* é dirigido por uma pessoa ou grupo de pessoas mais poderosa contra alguém de menor poder.
- O *bullying* não tem justificação;
- O *bullying* é tipicamente repetitivo;
- Evidencia divertimento.

De uma forma geral, o *bullying* se conceitua como um comportamento agressivo cuja assimetria do poder entre os envolvidos o distingue da violência e agressividade. Pode ser praticado por um ou vários indivíduos, esboçando formas diversificadas que descritas a diante.

Segundo Costa (1998, p. 48) o *bullying* descreve um conjunto de comportamentos, que não se limita à agressividade física aberta, englobando na realidade uma sucessão de comportamentos agressivos onde são referidos comportamentos como: chamar nomes “feios”, dizer coisas desagradáveis, espalhar rumores ou enviar recados insultuosos; excluir ou isolar socialmente; danificar bens; agredir fisicamente; e até mesmo violentar sexualmente. Geralmente, este fenômeno é identificado como ações intimidativas em que se dão uma série de combinações de agressões físicas, verbais e psicológicas.

A forma indireta do *bullying* é mais difícil de detectar, por não ser tão visível acabando, muitas vezes, por não lhe ser dada a devida importância. As chantagens e intimidações psicológicas são formas de *bullying* que não deixam marcas visíveis. A agressão indireta engloba comportamentos tais como espalhar rumores, isolar socialmente alguém ou excluí-lo do grupo (Amado & Freire, 2002, p. 67).

Pode-se entender por agressão física comportamentos como bater, empurrar, desferir pontapés, extorquir dinheiro e a agressão verbal consiste em injuriar, chamar por nomes “feios”.

Face às diversas dimensões que o *bullying* delinea, o conhecimento dos fatores que lhe estão associados permite uma compreensão mais detalhada para a ocorrência deste fenômeno.

FATORES ASSOCIADOS AO BULLYING

O ser humano é um indivíduo sociável que interage com uma sociedade envolvente, permitindo a divisão de valores, atitudes, experiências, proporcionando segurança e estabilidade. As várias estruturas sociais, particularmente a família e os grupos de pares, são ao longo de todo o desenvolvimento humano, agentes de mudança de incontestável importância no processo de socialização do indivíduo.

Em termos de socialização, torna-se difícil definir qual das instituições (a família ou o grupo) exerce maior influência. De um modo geral, considera-se a família como força predominante nas primeiras fases da vida, registando-se um declínio da sua influência à medida que o jovem adquire

autonomia e independência. Nesta fase de emancipação consideram-se relevantes outras forças de influência, como a escola, os meios de comunicação social e muito especialmente os pares. Reconhece-se, contudo, que todas as instituições estão sujeitas a influências socioculturais da sua própria comunidade, daí que a sua análise não deve ser processada isoladamente.

Diversos pesquisadores tentaram explicar a origem deste fenômeno recorrendo a fatores tais como o contexto social, a família e os meios de comunicação. A violência na escola afeta os direitos democráticos fundamentais, pois toda pessoa tem o direito à liberdade de expressão.

CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING

Alguns estudos consideram que o fenômeno da violência escolar representa um forte precursor do crime juvenil. As consequências são, sobretudo nocivas para todos os envolvidos: vítimas, agressores e para os observadores.

O *bullying* prejudica tanto quem a exerce, quem o sofre como quem o observa e os efeitos trágicos transbordam para toda sociedade, deteriorando as condições de vida dos cidadãos.

A longo e em curto prazo, os problemas de saúde e psicológicos repercutem na sociedade que deve prevenir a incidência de *bullying*, procurando fomentar uma vida harmoniosa para todos os integrantes da comunidade.

COMBATE AO BULLYING

Diante do fenômeno *bullying*, a escola sente-se falhar na sua missão de difundir e inculcar valores morais de modo a formar futuros cidadãos conscientes e responsáveis integrados na sociedade democrática. Por conseguinte, cabe-lhe agir de modo a inverter essa tendência, lutando contra a falta de credibilidade da própria instituição que é a Escola.

Para prevenir e combater o *bullying*, a escola deve implementar uma política de anti *bullying*, através do envolvimento de toda a comunidade educativa. Uma luta efetiva contra a violência na escola, a sociedade deve centrar-se através da Educação para a Cidadania.

Para uma política efetiva de combate a este problema, deve ter-se em conta que cada estabelecimento de ensino necessita implementar medidas mais adequadas e eficazes de acordo com o contexto social, pois uma determinada medida pode resultar num contexto, mas não no outro. Assim, a especificidade de cada escola e do meio em que está se encontra inserida não podem ser desconsiderados, a instituição de ensino é, portanto, reflexo da sociedade em que vivemos, com os seus problemas e com a sua beleza (SILVA, 2004, p. 87).

Diversas são as estratégias passíveis de serem desenvolvidas e em diferentes dimensões, ou seja, ao nível da escola, no contexto da turma e em nível individual. Combater a violência na escola exige estratégias visando os seguintes objetivos:

- ✓ prevenção,

- ✓ intervenção e,
- ✓ resolução de conflitos.

Perante a diversidade de estratégias passíveis de serem utilizadas, este trabalho propõe apenas a descrever algumas medidas preventivas, ficando, sobretudo a relevância do Projeto Educativo e do Currículo. Enquanto uma forma de mediação a análise ficará num método denominado “mediação pelos envolvidos na violência”.

A autonomia da escola envolve a capacidade de se identificar e diferenciar face a outros sistemas, como também de se relacionar com eles. O Projeto Educativo de uma escola deve, por isso, levar a instituição de ensino a identificar-se e relacionar-se com o meio em que se encontra inserida. Deste modo, o Projeto Educativo é a expressão da identidade da escola.

Assim, o Projeto Educativo é um documento de carácter pedagógico que, elaborado com a participação da comunidade educativa, estabelece a identidade própria de cada escola, através da adequação das leis em vigor à sua situação concreta, apresenta o modelo geral de organização e os objetivos pretendidos pela instituição de ensino e, enquanto instrumento gestor, é o ponto de referência orientador na coerência e unidade da ação educativa (OLWEUS, 1998; PEREIRA, 2001, SMITH & SHARP, 1994, p. 233).

A partir do diagnóstico da situação da escola (variáveis internas e variáveis ambientais) o Projeto Educativo de Escola é encarado como o cartão de identidade da Escola, caracterizando-a, isto é, afirma as opções da escola comunidade educativa quanto ao ideal de educação a seguir, as metas e finalidades a prosseguir, as políticas a desenvolver.

Ao encarar a elaboração do Projeto Educativo, a escola defronta-se, pois, com a necessidade de explicitar uma concepção de educação. Com efeito, a escola deve saber o que ela é e o que deseja, logo, cada escola, no seu contexto social, dependendo das suas características específicas, toma diferentes decisões com o objetivo de preencher as necessidades educativas detectadas.

No processo de desenvolvimento do Projeto Educativo, podem-se identificar três fases, respectivamente, a concepção/elaboração, execução e avaliação. Inicialmente, este requer mobilização de toda a comunidade educativa: docentes; discentes; pessoal não docente, autarquia e comunidade local, no intuito de detectar os problemas educacionais das áreas subjacentes ao estabelecimento de ensino (SILVA, 2004).

É importante, então, que as escolas criem condições para que possa desenvolver processos formais e informais da participação da comunidade educativa e apresentar-se aberta ao meio em que se encontra inserida, não ignorando a sua relação com a comunidade educativa, detentora de potencialidades educativas. Daí que a abertura da escola à comunidade se concretize, de modo a que esta possa sentir que a escola é parte integrante desta, através iniciativas tais como o empréstimo de livros; das instalações desportivas, oferecimento de atividades recreativas e pedagógicas (PEREIRA, 2001, p. 76).

Assim, é fundamental que o Projeto Educativo defina modos de atuação de modo a resolver o problema do *bullying*, em articulação com a escola e a comunidade, através de reuniões, jornadas

escolares etc. Enquanto instrumento estratégico de gestão, o Projeto Educativo de Escola visa a unidade e coerência da ação educativa, potenciando as características de documentos tais como, o Projeto Político Pedagógico (PPP), o Plano Anual de Atividades, Plano Curricular de Escola, o Plano Curricular de Turma e o Regulamento Interno da escola. Todos esses projetos devem incluir uma política educativa de combate ao *bullying*, inserindo formas diversificadas de prevenção e remediação.

Os estudos são unânimes em defender e evidenciar a importância da articulação da família e da escola enquanto forma saudável de banir o *bullying*, no sentido de ambas partilharem responsabilidades a este respeito. Aliás, quer a escola, quer a família são instituições privilegiadas na formação integral dos indivíduos logo, ambas têm de pregar a relevância do seu papel na transmissão de valores como a solidariedade, tolerância, justiça e responsabilidade (O'MOORE, 1995; OLWEUS, 1998; PEREIRA, 2001; SILVA, 2004; AMADO & FREIRE, 2002; RANDALL, 1996; SMITH & SHARP, 1994; SHARP & THOMPSON, 1994, p. 245).

A reforma curricular do ensino regular pode permitir a introdução de novas áreas curriculares não disciplinares, o estudo acompanhado e a formação cívica. Constituindo o espaço privilegiado para o desenvolvimento da Educação para a Cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, ativos, com recurso, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação individual e coletiva, na vida da turma, da escola e da comunidade.

A reforma do currículo mínimo, desempenha um papel importante na construção da identidade e desenvolvimento da consciência cívica dos discentes, através do diálogo, discussão e reflexão de temas da atualidade e das experiências e preocupações vividas e sentidas por eles.

No que concerne o *bullying*, o currículo pode constituir o meio, por excelência, para explorar as diversas formas de *bullying* e de contornar este fenómeno, cabendo, a cada instituição, a escolha dos recursos mais apropriados.

A área curricular não disciplinar de formação cívica permite particularmente incidir e difundir aos discentes os valores morais que a escola e a sociedade veiculam. Por conseguinte, conceitos tais como a democracia, direitos humanos, solidariedade, mas também cidadania, tolerância e respeito pelos outros, pelos bens materiais e patrimoniais devem ser incluídos no currículo de modo a poder refletir-se na comunidade.

O processo de mediação pelos envolvidos no fenómeno do *bullying*, baseia-se em estratégias de tipo integrativo, visando, para ambos os discentes, uma solução de problemas satisfatória (de soma positiva) em detrimento da rivalidade. Por isso, o mediador auxilia a comunicação, evitando os conflitos que podem culminar em contornos mais graves.

A mediação pode ser uma forma de integrar os alunos em risco de abandono escolar, permite ainda aos alunos a aquisição de competências de interação social auxiliando-os na resolução de conflitos de modo positivo, através da cooperação.

A mediação é igualmente uma forma de educar para a cidadania, pois ao longo da sua vida, os adolescentes vão ter de gerir conflitos de ordem familiar e profissionais, entre outros.

Saber mediar os conflitos entre pares e aplicar este processo é de extrema relevância pois promove a capacidade de cada aluno regular o seu comportamento, além de tomar consciência de formas construtivas de resolução de conflitos que poderão ser aplicadas a outros contextos ao longo da sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta investigação, procurou-se descrever e analisar a violência no contexto escolar, particularmente o fenómeno do *bullying*, nos alunos do Ensino Fundamental, inseridos numa escola privada de classe média alta, na cidade do Rio de Janeiro.

Inicialmente, procedeu-se à definição do termo *bullying*, assim como à explanação das diversas formas em que este se esboça e dos atores envolvidos. Pretendeu-se ainda, avaliar a natureza e frequência deste fenómeno.

A família, é o primeiro contexto em que ocorre a socialização da criança, e desempenha um papel fundamental no comportamento que esta adotará no futuro, na percepção do mundo e nas relações interpessoais, desenvolvidas ao longo das suas vivências.

Não obstante, analisar a problemática da relação entre os alunos na escola, considerando apenas a família, revela-se frágil, pois a família deve, ela própria, ser observada no contexto da comunidade que a integra.

A escola deve possibilitar a formação sobre o *bullying* visando os docentes, não docentes, pais, encarregados da educação e toda a comunidade educativa, dinamizando ações de sensibilização através de plenárias, reuniões e até da simples distribuição de panfletos informativos.

Logo que as crianças iniciam a sua vida escolar, estas devem ser conscientizadas para os comportamentos a fim de evitar ou até mesmo denunciar as relações com os colegas da escola, fomentando valores tais como a tolerância e o respeito.

O aluno pode desenvolver competências de interação social tais como a cooperação, a capacidade de ouvir e criar empatia, que não prescindirá ao longo de toda a sua vida, enquanto futuro cidadão. Incute igualmente o sentido de responsabilidade e consciencializa os discentes para a percepção e aplicação de estratégias construtivas de resolução de conflitos.

Este processo desenvolvido pelos alunos pode ser realizado na área disciplinar não curricular, como por exemplo, uma matéria eletiva, cujo principal objetivo reside no desenvolvimento da consciência moral dos discentes, para prepará-los como futuros cidadãos responsáveis e participativos.

Assim, o currículo escolar pode revelar-se um meio essencial de facultar às discentes informações acerca do *bullying* e veicular valores morais, nomeadamente, a justiça, a solidariedade,

o respeito e a tolerância logo, ao planificar o currículo da escola, este deve atender à sua especificidade.

Outra área curricular não disciplinar cuja relevância não deve ser esquecida é a Área de Projetos Extraclasse que proporciona aos alunos a possibilidade de desenvolver as suas relações interpessoais, através do trabalho cooperativo com os seus pares.

Vale ressaltar que a implicação da comunidade educativa é principal na abertura das relações entre a escola e a comunidade que, conseqüentemente, vitaliza a qualidade da escola.

Finalmente, é importante mencionar que compreender a problemática do *bullying* de modo a preveni-lo, só pode efetivamente realizar-se, se as próprias escolas procurarem averiguar e assumir que este, de fato, existe. Este constitui o primeiro passo para pôr em prática uma consistente política anti-*bullying*, pois a escola, enquanto lugar de formação das crianças deve ser palco de valores tais como a tolerância e o respeito, de modo a construir uma sociedade mais digna.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A. (2000). **As Relações Entre Pares em Idade Escolar**. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Amado, J.; Freire, I. (2002). **Indisciplina e Violência na Escola. Prevenir para Compreender**. 1ª Ed. Porto: Edições ASA.
- Anderson, L. & Grieve, K. (1998). **Bully busters. A school program in action**. In P. Mc Carthy (et al.). *Bullying - Causes, Costs and Cures*. Nathan: Beyond Bullying Association Inc, p. 63-78.
- Askew, S. (1989). **Agressive Behaviour in Boys: to what extent is it institucionalis ed?** In D. Tattum & D. Lane (1989). *Bullying in Schools*. London: Trentham Books, pp 59-73.
- Badouin, R. (1993). **Essais sur l' «Homo Violens»**. Paris: Hatier.
- Ballesteros, L. (et. al.) (1993). **Signos y Cultura. Una Investigación en el Aula**. Córdoba: Universidad d Córdoba.
- Burnet, M. (1971). **Meios de Informação e Violência**. Lisboa: Edições 70.
- Chaplot, B. (2002). **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. *Sociologia*. Porto Alegre, Ano 4, nº 8, p. 432-443.

Chiland, C. (1997). **Les Enfants et la Violence**. Paris: Presses Universitaires de France.

Costa, M. (1995). **A agressividade entre os jovens na escola. “Bullying”. Relação meio sociocultural de habitat e manifestações agressivas**. Braga: Universidade do Minho.

Costa, M. (1998). **A Violência na Escola**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Cowie, H.; Sharp, S. (1996). **Peer Counselling in Schools. A Time to Listen**. London: David Fulton Publishers.

Englander, E. (1997). **Understanding Violence**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Farrington, D. (2002). **Risk factors for youth violence**. In E. Debarieux; C. Blaya (ed.). **Violence in Schools and Public Policies**. Paris: Elsevier, p. 13-32.

Fernandez, I. (1998). **Prevención de la Violência y Resolución de Conflictos. El Clima Escolar como Factor de Calidad**. Madrid: Narcea, S.A. Ediciones.

Fisher, G. (1992). **A Dinâmica Social. Violência, Poder, Mudança**. Lisboa: Planeta Editora, Ltda.

Fullat, O. (1988). **La Peregrinación del Mal**. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona.

Gunter, B. (1985). **Dimensions of Television Violence**. England: Gower Publishing Company Limited.

Johnson, D.; Johnson, R. (1995). **Why violence prevention program doesn't work – and what does**. *Educational Leadership*, February, p. 63-67.

Krahé, B. (2001). **The Social Psychology of Agression**. USA: Psychology Press, Ltd.

Krug, E. (et al.). (2002). **Rapport Mondial sur la Violence et la Santé**. Genève: OMS.

Martín, J. (1993). **Conflictividad y Violência en los Centros Escolares**. 1ª Ed. Madrid: Siglo Vientiuno Editores, SA.

Modia, M.; Campos, M. (1998). **A agressividade e violência: o conflito escolar**. In L. Almeida (et al.). *Actas do IV Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho, p. 432-436.

Mougnotte, (2006). **La lutte contre la violence et éducation à la citoyenneté.** In T. Estrela, & L. Marmoz. (2006). *Indiscipline et Violence à l'école. Études Européennes.* Paris: L'Harmattan, p. 149-155.

Norton, M. (1991). **Violência e sociedade.** In N. Lourenço. *Colóquio «Violência na Sociedade».* Lisboa: Contexto Editora, Ltda., p. 41-45.

Olweus, D. (1998). **Conductas de Acoso y Ameaza entre Escolares.** Madrid: Ediciones Morata, S.L.

O'Moore, A. (1995). **Bullying behaviour in children and adolescents in Irelands.** *Children & Society.* National Children Bureau, vol. 9, nº 2, p. 55-72.

Pain, J. (2006). **Violence et Prévention en milieu scolaire.** In M. T. Estrela & L. Marmoz, *Indiscipline et Violence à l'école. Études Européennes.* Paris: L'Harmattan, p. 121-133.

Pereira, B. (2001). **A violência na escola – formas de prevenção.** In B. Pereira & A. Pinto (Coord). *A Escola e a Criança em Risco. Intervir para Prevenir.* 1ª Ed. Porto: Edições ASA, p. 17-30.

Pereira, B. (2002) **Para uma Escola sem Violência. Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas entre crianças.** Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.

Randall, P. (1996). **A Community Approach to Bullying.** Stoke-on-Trent: Trentham Books.

Rigby, K. (1998). **Bullying at school and beyond.** In P. Mc Carthy. *Bullying-Causes, Costs and Cures.* Nathan: Beyond Bullying Association Inc, p. 49-61.

Sani, A.; Gonçalves, R. (2000). **Representações da violência construídas por crianças.** *Revista Portuguesa de Ciência Criminal.* Ano 10. Fase 3º. Coimbra: Coimbra Editora, p. 437-453.

Sharp, S.; Smith, P. (1994). **Tackling Bullying in your School. A Practical Handbook for Teachers.** London and New York: Routledge.

Sharp, S.; Thompson, D. (1994). **How to establish a whole-school antibullying policy.** In S. Sharp & P. Smith (ed.). **Tackling Bullying in your School. A Practical Handbook for Teachers.** London and New York: Routledge, p. 23-39.

Silva, N. (2004). **Ética, Indisciplina & Violência nas Escolas**. Petrópolis: Editora

Vozes. Slee, R. (2006). *Journal Internacional Violence School*, nº1. Mai. Paris. p. 5-13.

Torres, M.; Fernandez, M.; Sanchez, A. (1999). **Relaciones Sociales y Prevención de la inadaptación Social y Escolar**. Málaga: Ediciones Aljibe, Ltda.